



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CAMPUS CAJAZEIRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

EMANUEL KAUANN FELIPE DE SOUSA

**Educação Financeira na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, uma
proposta de intervenção pedagógica**

**CAJAZEIRAS-PB
2026**

EMANUEL KAUANN FELIPE DE SOUSA

**Educação Financeira na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, uma
proposta de intervenção pedagógica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Orientador(a): Prof(a). Ma. Leilyanne Silva de Moraes

Coorientador(a): Prof(a). Ma. Lilia Santos Gonçalves

CAJAZEIRAS-PB

2026

EMANUEL KAUANN FELIPE DE SOUSA

**Educação Financeira na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, uma
proposta de intervenção pedagógica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Matemática.

Data de aprovação: XX/XX/XXXX

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **LEILYANNE SILVA DE MORAIS**
Data: 25/02/2026 10:48:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Leilyanne Silva de Moraes (Orientadora)
Instituto Federal da Paraíba – IFPB

Documento assinado digitalmente
 **LILIA SANTOS GONCALVES**
Data: 25/02/2026 11:36:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Ma. Lilia Santos Gonçalves (Coorientadora)
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Documento assinado digitalmente
 **ROMULO TONYATHY DA SILVA MANGUEIRA**
Data: 24/02/2026 16:21:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof Dr. Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO RONALD FEITOSA MORAES**
Data: 24/02/2026 15:53:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Ronald Feitosa Moraes
Universidade Regional do Cariri - URCA

FICHA CATALOGRÁFICA

IFPB / Campus Cajazeiras
Coordenação de Biblioteca
Biblioteca Prof. Ribamar da Silva
Catalogação na fonte: Cícero Luciano Félix CRB-15/750

S725e Sousa, Emanuel Kauann Felipe de.
Educação financeira na educação de jovens, adultos e idosos, uma proposta de intervenção pedagógica / Emanuel Kauann Felipe de Sousa.– 2026.
46f. : il.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cajazeiras, 2026.
Orientador(a): Profª. Me. Leilyanne Silva de Moraes.
Coorientador(a): Profª. Me. Lília Santos Gonçalves.
1. Ensino de matemática. 2. Educação financeira. 3. Educação de Jovens e Adultos. 4. Prática pedagógica. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. II. Título.

IFPB/CZ

CDU: 336:374.7(043.2)

Dedico este trabalho aos meus pais, familiares e aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram em toda a minha trajetória ao longo desses anos.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha sincera gratidão à minha orientadora Leilyanne Silva de Moraes e à minha co-orientadora Lilia Santos Gonçalves, que compartilharam comigo seus conhecimentos e experiências, sendo fundamentais para a construção deste trabalho. Sua paciência, dedicação e apoio foram essenciais em cada etapa dessa jornada.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe, Francineide de Sousa Silva Alves, carinhosamente chamada de “Neide”, agradeço por estar sempre ao meu lado, oferecendo incentivo, força e sabedoria para que eu pudesse seguir em frente e tomar as melhores decisões.

À minha namorada, Laís Saraiva Oliveira, deixo um agradecimento especial por acreditar no meu potencial e por me motivar constantemente a dar o melhor de mim em todos os momentos.

Agradeço também a contribuição dos profissionais e professores do IFPB, campus Cajazeiras, que participaram de forma direta ou indireta da minha formação. Sou grato pelo cuidado, dedicação e pelo ambiente de aprendizado que proporcionaram ao longo dessa trajetória.

*"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si
mesmo, os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo".
Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido.*

RESUMO

O ensino de Educação Financeira na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, uma proposta de intervenção pedagógica. A questão central que orienta a pesquisa investiga como a Educação Financeira pode ser utilizada como recurso pedagógico para contribuir com o desenvolvimento de habilidades críticas e com a tomada de decisões conscientes. O objetivo geral é introduzir os princípios básicos da educação financeira, como planejamento orçamentário e estratégias para compras econômicas. A proposta fundamenta-se na pedagogia de Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido, 1987), que valoriza o diálogo e a aprendizagem crítica, e no método de George Pólya (A arte de resolver problemas, 1995), que enfatiza estratégias de resolução de problemas. Buscou-se promover a autonomia financeira e desenvolver competências essenciais previstas na BNCC (Brasil, 2019). A metodologia adotada foi a pesquisa-participante, que permitiu a interação direta entre pesquisador e estudantes, valorizando o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. Os resultados indicaram que a Educação Financeira, entendida como um conjunto interdisciplinar de conhecimentos, possibilita aos discentes relacionar a Matemática a situações reais, especialmente no âmbito da gestão financeira pessoal, por meio da resolução de problemas. Conclui-se que a inserção dessa temática na EJA é fundamental para a formação de cidadãos mais autônomos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade de consumo contemporânea.

Palavras-chave: Educação Financeira; Educação de Jovens e Adultos; Resolução de Problema.

ABSTRACT

Teaching Financial Education in Youth, Adult and Elderly Education: A Pedagogical Intervention Proposal. The central question guiding the research investigates how Financial Education can be used as a pedagogical resource to contribute to the development of critical skills and conscious decision-making. The overall objective is to introduce the basic principles of financial education, such as budget planning and strategies for economical purchases. The proposal is based on the pedagogy of Paulo Freire (Pedagogy of the Oppressed, 1987), which values dialogue and critical learning, and on the method of George Pólya (The Art of Problem Solving, 1995), which emphasizes problem-solving strategies. The aim was to promote financial autonomy and develop essential competencies foreseen in the BNCC (Brazil, 2019). The methodology adopted was participatory research, which allowed direct interaction between researcher and students, valuing dialogue and the collective construction of knowledge. The results indicated that Financial Education, understood as an interdisciplinary body of knowledge, enables students to relate Mathematics to real-life situations, especially in the context of personal financial management, through problem-solving. It is concluded that the inclusion of this theme in Adult Education is fundamental for the formation of more autonomous, critical citizens aware of their role in contemporary consumer society.

Keywords: Financial Education; Youth and Adult Education; Problem Solving.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Doces em formato de moedas	33
Figura 2 - Cédula fictícia denominada "ONEDOLAB" "Frente"	34
Figura 3 - Cédula fictícia denominada "ONEDOLAB" "Verso"	34
Figura 4 - Organização da sala	35
Figura 5 - Lista de compras	37
Figura 6 - Lista com cálculos	38
Figura 7 - Cálculos separados em folha de caderno	39
Figura 8 - Entrega dos brindes	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 Referencial Teórico	14
2.1 Conceito de Educação Financeira	14
2.2 A importância da Educação Financeira para jovens e adultos	16
2.3 Características da EJA e seus desafios	19
2.4 Resolução de problemas	24
3 A Carência da Educação Financeira na EJA	26
4 Metodologia	29
5 Resultados e Discussão	31
5.1 Primeira etapa: Abertura e Contextualização	34
5.2 Segunda etapa: Desafio prático	36
5.3 Etapa final: Entrega de lembranças	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada pelo consumo e pela influência constante da globalização, na qual propagandas e estímulos mercadológicos incentivam a aquisição de produtos muitas vezes desnecessários. Zygmunt Bauman, em *Vida Líquida* (2007), destaca que a sociedade de consumo nos induz a vincular nossa identidade ao ato de comprar, gerando uma sensação permanente de insatisfação. Cercados por publicidades que nos atingem de todas as direções, acabamos facilmente seduzidos pela ideia de adquirir itens que, na realidade, não são essenciais para a vida cotidiana.

Nesse cenário, a Educação Financeira torna-se uma ferramenta indispensável para que os indivíduos desenvolvam consciência crítica sobre seus gastos, planejem melhor seus recursos e evitem o endividamento.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa necessidade é ainda mais evidente. Trata-se de um público que, em sua maioria, concilia trabalho, responsabilidades familiares e estudo, chegando à sala de aula muitas vezes exausto das atividades cotidianas. Por isso, é fundamental que os conteúdos abordados estejam diretamente relacionados à sua realidade, tornando o aprendizado significativo e aplicável.

A Educação Financeira, nesse sentido, apresenta-se como uma oportunidade concreta de aproximar a matemática da vida prática, promovendo autonomia e transformação social.

De que maneira a Educação Financeira, concebida como um processo complexo, contínuo e interdisciplinar que articula conteúdos de Matemática Financeira a outros saberes como História, Sociologia e Didática pode ser utilizada como recurso pedagógico no ensino de Matemática para jovens e adultos na EJA, favorecendo a reflexão crítica sobre os meios de produção e o papel do sujeito na dinâmica econômica atual, e contribuindo para o desenvolvimento de habilidades críticas e para a tomada de decisões conscientes que promovam práticas emancipatórias frente às situações alienantes impostas pela falta de consciência financeira?

O objetivo geral deste trabalho é introduzir os princípios básicos da educação financeira, como planejamento orçamentário e estratégias para compras econômicas. A proposta é fundamentada nos métodos pedagógicos

de Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987), que valoriza a aprendizagem crítica e dialógica, e de George Pólya (A arte de resolver problemas: um novo aspecto do método matemático. Tradução e adaptação de Heitor Lisboa de Araújo. 2. reimpr. Rio de Janeiro: Interciência, 1995. Tradução de How to Solve It), que enfatiza estratégias de resolução de problemas. Busca-se, assim, promover a autonomia financeira e desenvolver competências essenciais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2019).

Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: Planejar e realizar uma intervenção pedagógica de compras fictícias que fomente habilidades de pensamento crítico, tomada de decisão e trabalho colaborativo; Fomentar habilidades de pensamento crítico, tomada de decisão e trabalho colaborativo, ao mesmo tempo em que instrumentaliza os participantes com práticas de gestão financeira aplicáveis ao cotidiano, preparando-os para realizar escolhas conscientes e responsáveis que contribuam para a transformação social.

A metodologia adotada foi a pesquisa-participante, que possibilitou a interação direta entre o pesquisador e os sujeitos do estudo, valorizando o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. Essa abordagem permitiu que a teoria e a prática fossem integradas durante todo o processo educativo.

No decorrer do trabalho, a primeira seção corresponde à Introdução, na qual são apresentados o tema, os objetivos e a justificativa da pesquisa, evidenciando a relevância da Educação Financeira no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na segunda seção, desenvolve-se o Referencial Teórico, que discute a importância da Educação Financeira para esse público, abordando suas características específicas, desafios enfrentados por estudantes e professores dessa modalidade de ensino e a resolução de problemas.

Em seguida, a terceira seção aborda a carência da Educação Financeira na EJA, destacando as lacunas existentes na formação dos estudantes e a necessidade de inserir práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento de competências financeiras. A quarta seção detalha a Metodologia, descrevendo a oficina de Educação Financeira realizada com os alunos. Nessa etapa, são apresentados os procedimentos adotados, os fundamentos

pedagógicos utilizados e a dinâmica de condução da atividade.

A quinta seção é destinada aos Resultados e Discussão, na qual são analisados os impactos da intervenção realizada, evidenciando suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na EJA. Essa análise considera como os fundamentos pedagógicos de Paulo Freire centrados no diálogo e na criticidade e as estratégias de resolução de problemas propostas por George Pólya favoreceram a participação ativa dos estudantes, o desenvolvimento da autonomia e a aplicação prática dos conceitos financeiros. Além disso, discutem-se as possibilidades de utilização futura dessa abordagem como recurso pedagógico no ensino de Matemática, destacando seu potencial transformador no cotidiano dos discentes.

Por fim, a sexta seção apresenta as Considerações Finais, nas quais se evidencia que a Educação Financeira aplicada à EJA contribui para aproximar a Matemática da realidade dos estudantes, valorizando suas experiências de vida e promovendo autonomia e consciência crítica.

2 Referencial Teórico

Nesta seção, discute-se a relevância da Educação Financeira para esse público, ressaltando suas especificidades e os desafios vivenciados por docentes e discentes dessa modalidade. Complementarmente, a resolução de problemas é apresentada como uma estratégia pedagógica que fomenta a autonomia intelectual e financeira, capacitando os alunos a desenvolverem competências críticas e a tomarem decisões conscientes diante das demandas cotidianas.

2.1 Conceito de Educação Financeira

De acordo com Macêdo (2014), a matemática financeira é um campo que analisa as variações do valor do dinheiro ao longo do tempo, apresentando diversos métodos para avaliar como essas mudanças ocorrem temporalmente.

Ela é a ciência exata por trás dos números, onde estuda o comportamento do dinheiro no tempo, operacionalizando conceitos como juros simples e compostos, valor presente e futuro, taxas de desconto e sistemas de amortização. É ela que responde a perguntas precisas como "Quanto?" e "Por

quanto tempo?". Por exemplo, é através de suas fórmulas que calculamos o custo real de um empréstimo, o retorno de um investimento ou o valor necessário para atingir uma meta de poupança.

Como diz Olivieri (2013) a educação financeira é um processo contínuo de aprendizagem que desenvolve a capacidade integral do indivíduo para tomar decisões responsáveis sobre dinheiro, promovendo uma vida equilibrada por meio de vivências e práticas pessoais.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define educação financeira como o processo no qual indivíduos e sociedades ampliam sua compreensão acerca dos conceitos e produtos financeiros, de modo que, por meio de informações claras, formação e orientação, desenvolvam os valores e competências essenciais para reconhecer as oportunidades e os riscos envolvidos. Isso permite que tomem decisões informadas, saibam onde buscar apoio e adotem ações que promovam seu bem-estar, contribuindo assim para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis e comprometidos com o futuro. Essa definição está alinhada às propostas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que enfatiza a importância da educação financeira para o desenvolvimento de habilidades que fomentem uma gestão consciente e segura das finanças pessoais e coletivas.

A verdadeira união acontece quando ambas são aplicadas em conjunto. A Educação Financeira motiva um indivíduo a querer, por exemplo, investir para sua aposentadoria. A Matemática Financeira, por sua vez, mostra concretamente como os juros compostos podem multiplicar suas economias ao longo de décadas, quantificando o benefício dessa decisão.

De outro lado, a Educação Financeira ensina a evitar o endividamento desnecessário no cartão de crédito, enquanto a Matemática Financeira expõe, de forma crua, o custo exorbitante dos juros rotativos.

James Teixeira (2015), diz que a Educação Financeira transcende o simples ato de economizar, reduzir gastos ou acumular recursos; ela visa elevar a qualidade de vida no presente e no futuro, assegurando estabilidade material contra imprevistos. Por outro lado, a Matemática Financeira desempenha o papel fundamental de fornecer os cálculos e ferramentas específicas que garantem a exatidão e a viabilidade desse planejamento e o

entendimento e o domínio de ambos os campos são imprescindíveis para transformar o dinheiro, muitas vezes associado a preocupações, em um recurso estratégico para alcançar autonomia financeira e bem-estar, integrando visão comportamental à precisão técnica.

A educação financeira, além de representar um conjunto de práticas voltadas para o uso consciente dos recursos, foi reconhecida oficialmente no Brasil por meio da criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), instituída pelo Decreto nº 7.397/2010 e posteriormente reorganizada pelo Decreto nº 10.393/2020. Essa reorganização ampliou o escopo da políticas públicas, incluindo também aspectos relacionados à educação securitária e fiscal, com o objetivo de fortalecer a cidadania econômica, promover o bem-estar social e contribuir para a solidez do sistema financeiro. Nesse sentido, a educação financeira passa a ser compreendida não apenas como uma competência individual, mas como um instrumento coletivo de desenvolvimento e inclusão.

2.2 A importância da Educação Financeira para jovens e adultos

A educação financeira é um tema crucial, uma vez que grande parte da população brasileira enfrenta dificuldades para gerenciar suas finanças pessoais, o que impacta diretamente na qualidade de vida e no desenvolvimento econômico do país.

De acordo com a 17ª edição da pesquisa Observatório Febraban feita pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe) para Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN) feita em julho de 2025, mais de 55% dos brasileiros compreendem pouco ou nada sobre educação financeira, apesar de reconhecerem sua importância e demonstrarem interesse em acompanhar e controlar suas finanças pessoais. Esse baixo nível de conhecimento dificulta o planejamento financeiro e a tomada de decisões conscientes, contribuindo para o elevado índice de endividamento da população.

Produtos como cartão de crédito são amplamente utilizados, muitas vezes sem o devido entendimento das taxas e condições, o que agrava a situação financeira das famílias e impede que construam reservas para

imprevistos ou futuramente para a aposentadoria. De acordo com a pesquisa Observatório Febraban (2025), “O endividamento dos brasileiros é alarmante: cerca de 39% afirmam estar atualmente endividados, e quase um quarto (23%) acredita que terminará o ano ainda mais endividado, o que revela a urgência de disseminar o conhecimento financeiro desde cedo”.

A Educação Financeira integra a BNCC como tema transversal, articulado aos demais componentes curriculares. Segundo a BNCC (Brasil, 2019), o ensino de Educação Financeira deve ir além do simples aprendizado dos fundamentos matemáticos, incorporando também aplicações práticas e o contexto mais abrangente da disciplina de matemática. Essa abordagem interdisciplinar permite uma reflexão crítica sobre diversas dimensões do tema, incluindo aspectos culturais, sociais, políticos, psicológicos e econômicos relacionados ao consumo, trabalho e dinheiro.

A BNCC (Brasil, 2019) estabelece o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para o crescimento integral dos estudantes, contemplando os diversos percursos formativos ao longo da educação básica.

A BNCC (2018, p.15) define competência, como:

O que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho). cotidiana.

Dessa forma, o documento orienta que sejam desenvolvidas capacidades que promovam não apenas o aprendizado acadêmico, preparando os estudantes para atuar de maneira crítica e responsável em diferentes contextos de suas vidas.

O objetivo de incluir a Educação Financeira na BNCC é estimular nos estudantes a capacidade de analisar e refletir criticamente sobre atitudes individuais e coletivas que influenciam tanto a vida pessoal quanto o contexto social. Essa abordagem visa formar cidadãos mais conscientes e críticos frente à gestão dos recursos financeiros, promovendo a cidadania econômica e o desenvolvimento de habilidades que favoreçam decisões financeiras responsáveis e éticas.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018), essa proposição busca garantir que os alunos compreendam as relações econômicas presentes no cotidiano, tomando decisões alinhadas ao bem-estar individual e coletivo, fortalecendo, assim, a autonomia financeira e social dos estudantes.

A introdução da educação financeira nas escolas é vista como uma estratégia essencial para prevenir o endividamento e fomentar uma cultura de poupança e planejamento. Projetos de lei estão em trâmite no Congresso Nacional para tornar a educação financeira um componente obrigatório do currículo escolar, acertadamente reconhecendo que o conteúdo deve ser transversal e abordar temas como administração financeira, empreendedorismo e organização social.

De acordo com Silva e Powell (2013), discutir educação financeira equivale a abordar os temas contemporâneos relacionados ao dinheiro e à relação humana com ele, o que implica que o currículo e a metodologia de ensino devem se adaptar às transformações do cenário social, sugerindo que qualquer proposta implementada nas escolas precise estar em constante evolução.

Essa medida visa preparar os jovens para tomar decisões financeiras responsáveis desde cedo, reduzindo a vulnerabilidade e possibilitando uma boa gestão de suas receitas.

A Educação Financeira dentro da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem ganhado destaque como uma ferramenta importante para promover a inclusão financeira e social desse público específico. Apesar da sua relevância, são pouco frequentes os estudos que abordam de forma aprofundada a aplicação e os impactos da Educação Financeira na EJA.

Essa lacuna na pesquisa evidencia a necessidade de ampliar o foco sobre como esse tema pode contribuir para a transformação da vida dos estudantes adultos, muitos dos quais enfrentam desafios econômicos e sociais significativos.

Além do reconhecimento da Educação Financeira como uma ferramenta crucial para a inclusão social na Educação de Jovens e Adultos (EJA), é fundamental destacar que sua implantação nesta modalidade de ensino contribui significativamente para o fortalecimento da autonomia dos estudantes.

Ao desenvolver habilidades para a administração consciente dos recursos financeiros, os alunos da EJA ampliam sua capacidade de enfrentar desafios econômicos cotidianos, promovendo maior qualidade de vida e inclusão social efetiva. No entanto, é necessário superar desafios como a evasão escolar e a escassez de recursos, buscando estratégias pedagógicas e parcerias que valorizem o perfil específico desses estudantes.

Em síntese, a educação financeira é composta por um grupo de conhecimentos indispensáveis para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equilibrada, promovendo o uso consciente dos recursos, a capacidade de enfrentar adversidades financeiras e a construção de um futuro sustentável. O Brasil enfrenta o desafio de ampliar e fortalecer as iniciativas de educação financeira em todos os níveis sociais, como parte de um esforço mais amplo de políticas públicas voltadas para reduzir o desconhecimento, o endividamento e a falta de planejamento. Essas ações são fundamentais para assegurar aos cidadãos condições de exercer sua autonomia na gestão das finanças com segurança e responsabilidade, contribuindo para a superação das problemáticas socioeconômicas.

Essa transformação depende do esforço conjunto entre governo, escolas, instituições financeiras e a própria sociedade, para disseminar o conhecimento financeiro de forma acessível, contínua e eficaz, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e para o fortalecimento da economia nacional.

2.3 Características da EJA e seus desafios

De acordo com Hurtado e Freitas (2020), considerando as funções legais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Financeira (EF) desempenha papel essencial na garantia do direito à educação, ao oferecer novas oportunidades sociais, apoiar o desenvolvimento das capacidades individuais dos alunos e fortalecer sua autonomia diante dos desafios econômicos presentes no cotidiano.

Segundo Hurtado e Freitas (2020, p.72).

Tendo em vista que na modalidade EJA devem ser trabalhados conteúdos e ações pedagógicas que valorizem o perfil dos alunos,

por meio da EF será possível despertar interesse por novos conhecimentos, desenvolvimento de criatividade e autocrítica, de forma a contribuir com os indivíduos na administração e gerenciamento de suas finanças no momento atual, de maneira que essas decisões financeiras possam favorecê-los no futuro.

Nesse sentido, a inserção da Educação Financeira na EJA não apenas fortalece o exercício da cidadania, mas também evidencia a necessidade de compreender as especificidades dessa modalidade de ensino.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se como uma modalidade de ensino que oferece uma nova oportunidade para aqueles que não conseguiram concluir seus estudos na idade adequada, enfrentando diversos obstáculos ao longo de suas trajetórias. Entre suas principais características estão a diversidade cultural, socioeconômica e etária dos estudantes, o que exige uma abordagem pedagógica diferenciada, adaptada às condições e necessidades específicas desse grupo.

Esse público é composto por trabalhadores ou por pessoas que realizam atividades domésticas durante o dia e dispõem apenas do período noturno para se dedicarem aos estudos. Dessa forma, a EJA busca atender às necessidades específicas desses estudantes, proporcionando um ensino flexível e adaptado à sua realidade.

No Brasil a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é direcionada a pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica na idade apropriada, abrangendo desde adolescentes até idosos, o que caracteriza a heterogeneidade etária desse público. Essa modalidade educacional atende majoritariamente, indivíduos oriundos de camadas sociais menos favorecidas, que muitas vezes interromperam os estudos precocemente para contribuir com o sustento familiar.

Historicamente, desde o início do período colonial brasileiro, a presença dos jesuítas foi marcante na educação, quando buscaram catequizar a população adulta como parte de uma ação cultural e religiosa intensa.

Keller (2020) aponta que a iniciativa de educar jovens e adultos no Brasil remonta ao início da colonização, precisamente em 1549, com a chegada dos jesuítas a Salvador, onde eles estabeleceram a primeira escola elementar dedicada a esse fim. Essa ação cultural e educativa visava a propagação da fé católica, combinando o ensino religioso com a instrução básica. O acesso à

educação era restrito e concentrado em atividades ligadas à igreja, refletindo a visão da época de que a instrução popular deveria estar subordinada à religiosidade e ao controle social exercido pela Igreja Católica.

A história da educação básica para adultos começou a ganhar relevância no Brasil a partir da década de 1930, quando o governo federal percebeu a necessidade de qualificar a mão de obra diante da chegada da era da industrialização. Com o avanço tecnológico, a especialização no trabalho tornou-se cada vez mais evidente, exigindo trabalhadores com formação adequada. Outros eventos históricos, como o fim da Segunda Guerra Mundial e o término da ditadura militar, também influenciaram o desenvolvimento das políticas voltadas para a educação adulta no país, contribuindo para a expansão desse campo educacional.

De acordo com Ribeiro (1997), tudo isso colaborou para que a educação de adultos começasse a receber maior atenção, inserindo-se como parte integrante da preocupação geral com o ensino elementar comum, dessa maneira era urgente a necessidade de se aumentarem as bases eleitorais para a sustentação do governo central.

Nos anos 1960, a educação de adultos no Brasil ganhou novo fôlego com as propostas de Paulo Freire, que elaborou um método de alfabetização voltado para esse público. Diferente das práticas tradicionais, sua abordagem partia do diálogo e da realidade cotidiana dos alunos, transformando o ato de aprender a ler e escrever em um processo de conscientização crítica.

Durante o regime militar, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) foi uma iniciativa do governo brasileiro instaurada durante o regime militar, visando combater o alto índice de analfabetismo no país. Criado oficialmente em 1967, seu objetivo principal era erradicar o analfabetismo em uma década, o que, na prática, não foi totalmente alcançado.

O Mobral tinha como foco a alfabetização de jovens e adultos, buscando promover a inclusão social por meio do aprendizado da leitura, da escrita e das operações matemáticas básicas. Contudo, o método utilizado foi influenciado pelo contexto político da época, limitando a abordagem crítica e contextualizada que havia sido proposta por Paulo Freire.

Diversos movimentos sociais ao longo da história do Brasil foram decisivos para a criação e consolidação de leis que garantissem a

implementação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em todo o país. Essas legislações possibilitaram que a EJA fosse reconhecida como uma modalidade de ensino legítima, assegurando a seus estudantes os mesmos direitos e condições das formas regulares de ensino. Esse processo legal foi fundamental para que a EJA ocupasse um espaço de destaque na educação nacional, oferecendo um ensino mais justo e acessível para todos.

Em seus art. 37 e 38, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96, estabelece que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é destinada a pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir o ensino fundamental e médio dentro das faixas etárias regulares. A legislação garante o direito ao ensino gratuito para esses indivíduos, assegurando que o ensino oferecido seja adequado às suas condições de vida e interesses, respeitando seu modo de vida e necessidades específicas. Dessa forma, a EJA busca proporcionar uma educação que considere as particularidades do público atendido, facilitando o acesso e a permanência na escola.

O Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, representa um marco na expansão da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ao instituir o PROEJA, programa federal que integra a educação profissional à básica nessa modalidade, visando atender trabalhadores com formação inicial, continuada e técnica de nível médio.

Essa norma jurídica federal reflete o compromisso do Estado em democratizar o acesso à educação qualificada para adultos, considerando suas realidades sociais e laborais, com cargas horárias mínimas como 1.200 horas para formação geral e 2.400 para cursos técnicos. E, a partir de 2007, impulsionou a oferta de vagas em instituições federais, fortalecendo o desenvolvimento local e a inclusão produtiva de jovens e adultos historicamente excluídos.

De acordo com Freire (Pedagogia do Oprimido, (1987), os analfabetos não devem ser vistos como imaturos ou ignorantes, mas reconhecidos em sua maturidade existencial, com o processo educativo adaptado às suas necessidades e ao universo cultural.

Paulo Freire (1987) desenvolveu uma metodologia eficiente baseada na associação das letras com objetos presentes no cotidiano dos alunos. O método de Paulo Freire consistia em que os educadores identificassem as

palavras mais presentes no vocabulário dos alunos e selecionassem um conjunto delas para serem usadas durante as aulas.

Essas palavras, chamadas de palavras geradoras, eram escolhidas para que as sílabas fizessem sentido para os estudantes no contexto do seu cotidiano. Elas serviam como base para ajudar os alunos a se familiarizar com as letras e, assim, facilitar o processo de alfabetização. Por exemplo, ao ouvir o soar da letra “M” poderia ser relacionada à palavra “Mercado”, um termo comum em seu dia a dia, facilitando assim o processo de aprendizado ao conectar o ensino às experiências reais dos educandos.

De acordo com Ribeiro (1997, p. 24).

Paulo Freire previa uma etapa preparatória, quando o alfabetizador deveria fazer uma pesquisa sobre a realidade existencial do grupo junto ao qual iria atuar. Concomitantemente, faria um levantamento de seu universo vocabular, ou seja, das palavras utilizadas pelo grupo para expressar essa realidade. Desse universo, o alfabetizador deveria selecionar as palavras com maior densidade de sentido, que expressassem as situações existenciais mais importantes. Depois, era necessário selecionar um conjunto que contivesse os diversos padrões silábicos da língua e organizá-la segundo o grau de complexidade desses padrões.

O que Paulo Freire (1987) quis mostrar com esse método é que, antes de ensinar a ler e escrever, é fundamental que o educador entenda o mundo das pessoas que vão aprender. Ele defendia que o ensino deve partir das experiências e da linguagem que esses alunos já conhecem no seu dia a dia.

Por isso, ele sugeria que o professor pesquisasse quais são as palavras mais comuns e importantes para aquele grupo, aquelas que fazem sentido para eles de verdade. A partir dessas palavras, o educador planeja as aulas, usando-as como base para ajudar os alunos a entenderem as letras e os sons das palavras, organizando o aprendizado de um jeito que faça sentido e acompanhe o ritmo deles.

Essa forma de ensinar respeita a vivência dos estudantes e facilita que eles se envolvam no processo, o que é especialmente importante na Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde os alunos trazem muita experiência de vida, e o ensino precisa estar conectado com essa realidade para ser realmente eficaz.

2.4 Resolução de problemas

A matemática sempre fez parte da vida de diversas culturas, e a utilização da sua linguagem tem sido ferramenta essencial em muitas situações do dia a dia. Jovens e adultos muitas vezes usam maneiras próprias e informais para realizar cálculos, que nem sempre seguem os métodos ensinados nas escolas.

Apesar disso, muitos conseguem resolver operações complexas “de cabeça”, ou seja, por meio de processos de cálculo mental, mostrando que o entendimento sobre a matemática pode surgir de formas variadas e está profundamente ligado à prática cotidiana, diferente do que é normalmente exigido no ambiente escolar.

Nesse sentido, o cálculo está diretamente relacionado às necessidades práticas do cotidiano, pois a matemática está presente em todos os contextos da vida diária. Mesmo pessoas que não têm contato com outras áreas do conhecimento acabam desenvolvendo habilidades matemáticas, já que essas habilidades estão associadas a costumes e demandas rotineiras.

Segundo Ribeiro (1997, p. 32-33).

Há jovens e adultos analfabetos capazes de fazer cálculos bastante complexos, ainda que não saibam como representá-los por escrito na forma convencional, ou ainda que não saibam sequer explicar como chegaram ao resultado, e pesquisas foram feitas para investigar a natureza desses conhecimentos e o seu alcance. O desafio, ainda pouco equacionado, é como relacioná-los significativamente com a aprendizagem das representações numéricas e dos algoritmos ensinados na escola.

Ribeiro (1997) também destaca que no ensino da Matemática para jovens e adultos, algo que chama muita atenção é que, mesmo sem seguir um ensino formal estruturado, esses estudantes frequentemente desenvolvem suas próprias estratégias para resolver problemas que envolvem quantidades e cálculos. Essa capacidade espontânea demonstra que, independentemente da forma tradicional de ensino, há uma aprendizagem natural ligada às necessidades e experiências pessoais de cada um.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrenta diversos desafios que impactam diretamente a permanência e a conclusão da carreira acadêmica dos estudantes nas instituições de ensino. Entre esses desafios, destacam-se a

evasão escolar, a dificuldade de conciliar os estudos com as demandas do trabalho e da vida familiar, a escassez de recursos educacionais apropriados e a necessidade de integração com outras políticas públicas para assegurar o acesso e a permanência escolar.

A EJA tem, assim, um papel primordial na promoção da inclusão social e educacional, oferecendo uma segunda oportunidade para a formação básica de uma parcela significativa da população brasileira.

De acordo com George Polya (1995), um problema é uma situação ou questão que exige raciocínio e pensamento para ser resolvida, especialmente no contexto matemático. O autor entende o problema como algo que não é imediatamente solucionável, requer a aplicação de conhecimentos prévios, estratégias de pensamento e um processo organizado para alcançar uma solução.

Para George Polya (1995, p.3-4).

Para agrupar convenientemente as indagações e sugestões da nossa lista, distinguiremos quatro fases de trabalho. Primeiro, temos de compreender o problema, temos de perceber claramente o que é necessário. Segundo, temos de ver como os diversos itens estão inter-relacionados, como a incógnita está ligada aos dados, para termos a idéia da resolução, para estabelecermos um plano. Terceiro, executamos o nosso plano. Quarto, fazemos um retrospecto da resolução completa, revendo-a e discutindo-a.

G. Polya (1995) enfatiza, que cada uma das etapas do processo de resolução de problemas é fundamental e não pode ser ignorada. O autor alerta que, mesmo que alguém tenha uma ideia aparentemente genial e queira ir direto à resposta, pular etapas pode trazer sérias consequências: a solução pode ser superficial ou errada. Por isso é fundamental entender realmente o problema antes de qualquer tentativa de resolvê-lo, podendo evitar erros quando cada passo do plano é verificado cuidadosamente.

Por fim, o autor destaca que a revisão final e o reconsiderar de todo o processo garantem a qualidade da solução, ou seja, o sucesso na resolução de problemas depende da atenção, reflexão e do cuidado em cada uma dessas fases, promovendo não apenas respostas, mas uma atitude crítica e consciente diante de desafios.

Essa realidade complexa pode ser compreendida e enfrentada a partir de uma metodologia que valorize a compreensão profunda dos problemas, a

elaboração de um plano de ação, a execução cuidadosa e a contínua revisão das práticas, conforme proposto por George Pólya (1995).

Por outro lado, a metodologia de Paulo Freire (1987) contribui para essa abordagem ao ressaltar a importância de conectar o aprendizado ao contexto e à experiência dos educandos. Seu método, fundamentado no uso das "palavras geradoras", termos presentes no cotidiano dos alunos que facilitam a apropriação das letras e da leitura, exemplifica como o ensino deve respeitar e valorizar a realidade do estudante para ser mais significativo e efetivo.

3 A Carência da Educação Financeira na EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem como propósito central oferecer o ensino básico àqueles que não conseguiram concluir seus estudos na idade regulamentar, devido a diferentes circunstâncias. No entanto, o programa curricular da EJA frequentemente privilegia conteúdos acadêmicos tradicionais, deixando de lado assuntos essenciais, como a educação financeira.

Essa ausência da educação financeira no currículo faz com que muitos estudantes não desenvolvam habilidades fundamentais para a administração do dinheiro no dia a dia. Como consequência, eles acabam sem aprender a controlar suas despesas, organizar um orçamento, economizar para o futuro ou lidar adequadamente com dívidas, aspectos cruciais para uma vida adulta mais segura e planejada.

De acordo com Barros, Jesus e Ferreira (2023), indivíduos sem uma base sólida de educação financeira frequentemente se endividam de maneira impulsiva, recorrendo a empréstimos e cartões de crédito sem captar de verdade as repercussões disso tudo, o que acaba gerando um ciclo de endividamento e um estresse que pesa no dia a dia.

Quando não aprendemos a cuidar do nosso dinheiro, acabamos dependendo de outras pessoas, seja familiares ou instituições financeiras, o que limita a liberdade de fazer escolhas que poderiam trazer estabilidade e crescimento. Essa falta de controle financeiro pode também causar um grande peso emocional: o estresse causado pelas contas no vermelho ou pelos

problemas com dívidas afeta a saúde mental, gerando ansiedade e até depressão, prejudicando a qualidade de vida e as relações próximas. Souza (2017) enfatiza que dificuldades financeiras levam muitas pessoas a experimentar ansiedade, tensão e sintomas clássicos de estresse emocional.

Por isso, aprender sobre finanças é mais do que conhecer números, é ter na mão uma ferramenta poderosa para conquistar autonomia, planejar o futuro e viver com mais tranquilidade. O desenvolvimento de práticas de controle de gastos, elaboração de orçamento consciente e incentivo à poupança constitui um preparo essencial para a vida adulta, contribuindo não apenas para a prevenção do endividamento, mas também para a construção de estabilidade emocional e segurança financeira.

Galvão et al. (2024) observaram, em sua pesquisa intitulada "Impactos da Falta de Educação Financeira em Relação à Qualidade de Vida do Brasileiro", que o dinheiro, apesar de não assegurar felicidade, é essencial para a estabilidade emocional e para a tomada de decisões vitais. Ademais, hábitos financeiros positivos, como poupança e investimentos adequados, promovem maior segurança e autonomia na realização de metas de longo prazo.

Na vida pessoal, problemas financeiros também se refletem nas relações familiares e sociais, pois o nervosismo e a ansiedade provocados pela instabilidade econômica podem causar conflitos e isolamento. Além disso, a falta de controle financeiro compromete a autonomia do indivíduo, que pode acabar dependendo de outras pessoas para se manter, gerando uma sensação de insegurança e baixa autoestima.

De acordo com Santos, França e Batista (2024, p.6),

Em um mundo onde a incerteza econômica é uma constante, a gestão de finanças pessoais torna-se um elemento essencial para a segurança e a qualidade de vida. Através de um planejamento financeiro adequado, as pessoas podem criar um colchão financeiro que as proteja contra imprevistos, como doenças, perda de emprego ou desastres naturais.

Por outro lado, ter uma boa educação financeira traz liberdade para planejar o futuro, estabelecer metas e tomar decisões mais conscientes. Isso ajuda a reduzir o estresse, melhora o desempenho profissional e contribui para

uma vida mais equilibrada e satisfatória, tanto no trabalho quanto nas relações pessoais.

Ainda seguindo o pensamento de Santos, França e Batista (2024, p.19),

A gestão eficaz dos recursos financeiros influencia diretamente a capacidade de tomar decisões e aproveitar as oportunidades que se apresentam ao longo da vida. Quando as finanças estão em ordem, as pessoas têm mais liberdade para escolher o que desejam fazer, em vez de serem limitadas por restrições financeiras.

Essa compreensão reforça o papel fundamental da educação financeira, que vai muito além do ensino acadêmico. Ela é a base para formar indivíduos mais confiantes, preparados e autônomos, capazes de enfrentar os desafios do cotidiano com mais tranquilidade e segurança. Portanto, investir em educação financeira é investir no crescimento integral dos alunos, garantindo não apenas seu sucesso escolar, mas também seu desenvolvimento como pessoas seguras e prontas para a vida.

A falta de planejamento financeiro pode ser profundamente desgastante para quem enfrenta essa realidade no dia a dia. Quando as contas parecem não fechar e as contas atrasam, o peso da insegurança se instala, trazendo um estresse que não afeta apenas o bolso, mas também a mente e as emoções.

É comum sentir ansiedade, insônia, medo e até tristeza diante da incerteza sobre como pagar as próximas despesas, o que torna difícil concentrar-se no trabalho, nos estudos ou até mesmo aproveitar momentos com a família. Esse ciclo de preocupação constante gera um desgaste emocional que corrói a qualidade de vida e pode levar a sentimentos de culpa e baixa autoestima.

De acordo com Rayane Moura (2025), uma pesquisa realizada pela Fintech Onze em parceria com a Icatu cedida com exclusividade ao G1 revelou que,

Metade dos trabalhadores considera o dinheiro sua maior preocupação, o que afeta diretamente a saúde mental e emocional de 72% dos entrevistados. Além disso, 51% reconhecem que sua renda não é suficiente para cobrir todos os gastos mensais, e 49% indicam o dinheiro como a principal fonte de ansiedade. Esses dados mostram claramente como a saúde financeira está intimamente ligada ao bem-estar psicológico das pessoas, evidenciando a importância de se prestar atenção a essa dimensão da vida cotidiana.

Esse cenário mostra como o planejamento financeiro é uma ferramenta essencial não só para organizar os números, mas para garantir a saúde mental e o equilíbrio emocional.

Ter algum nível de organização financeira, mesmo que simples, pode trazer sensação de segurança e aliviar tensões do dia a dia, ajudando as pessoas a encarar o futuro com mais confiança. No entanto, é preciso reconhecer que o cuidado com as finanças pessoais não resolve, por si só, os problemas estruturais que afetam a vida da classe trabalhadora. A luta pela garantia e ampliação dos direitos sociais e trabalhistas é parte essencial desse processo, pois sem políticas públicas adequadas, a Educação Financeira corre o risco de ser reduzida a uma visão instrumental de controle individual, como propõe a OCDE em muitos documentos oficiais.

Essa perspectiva, centrada no capital humano, desvia do verdadeiro sentido que a Educação Financeira deveria ter: promover a reflexão crítica sobre as problemáticas socioeconômicas que atingem a sociedade, em especial os trabalhadores, e não culpabilizá-los por não terem recursos suficientes para viver sob as regras de um sistema excludente como o capitalismo. Por isso, é importante ir além da lógica individualista e enxergar a Educação Financeira como um espaço de debate e conscientização, capaz de articular saberes matemáticos com questões sociais mais amplas. Cuidar das finanças pessoais não é errado, mas durante as práticas educativas é fundamental pensar em como extrapolar os limites da sala de aula e questionar as verdades impostas, construindo caminhos que unam autonomia individual e transformação coletiva.

4 Metodologia

O objetivo deste trabalho é introduzir os princípios básicos da educação financeira, como planejamento orçamentário e estratégias para compras econômicas, e, além disso, investigar a eficácia da combinação dos métodos problematizadores e dialógicos de Paulo Freire (1987) com as estratégias de resolução de problemas propostas por G. Polya (1995) no ensino de Educação Financeira na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para isso, foi realizada uma oficina com a turma da EJA simulando compras fictícias, que integra de modo implícito conteúdos matemáticos relacionados às operações fundamentais adição, subtração, multiplicação e divisão ao elaborar orçamentos e estimar gastos hipotéticos.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e de campo e também descritiva, pois apresenta detalhadamente o processo da oficina e os resultados observados. A abordagem adotada prioriza o qualitativo, incorporando pontualmente cálculos de orçamento e simulações numéricas, uma metodologia mista que, conforme propõem Fiorentini e Lorenzato (2012), permite captar a complexidade do processo educativo de forma mais integral.

O universo da pesquisa compreende alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos ciclos II e III da escola Crispim Coelho, localizada em Cajazeiras – PB. A amostra foi composta por 24 participantes, selecionados entre os participantes, correspondendo aos discentes presentes na turma no ano de 2024. Os participantes apresentam diferentes faixas etárias e níveis de instrução prévia, muitos conciliando trabalho e estudo, o que justifica sua inserção na EJA.

A coleta de dados ocorreu por meio da observação participante, característica da pesquisa participante, em que o aplicador acompanhou e registrou o desenvolvimento das atividades. Foram utilizados materiais como calculadoras (dos celulares dos alunos), projetor multimídia, fita adesiva, folhas A4, lápis, encartes de produtos de diferentes mercados e uma sala exclusiva com 30 cadeiras. Além disso, os diálogos e interações entre os grupos funcionaram como instrumentos de coleta, permitindo identificar percepções e estratégias de resolução de problemas.

A condução da oficina seguiu três etapas principais. A primeira etapa foi a abertura e contextualização com duração de 25 minutos, nela houve a fixação dos encartes nas paredes, organização das cadeiras e apresentação dos fundamentos da educação financeira, conectados às realidades cotidianas dos alunos. A participação ativa foi estimada por meio de indagações dirigidas.

Para a segunda etapa, apresentamos o desafio prático com duração de 75 minutos, nesse momento, ocorreu a simulação “compra fictícia”, com divisão da turma em grupos equilibrados. Cada equipe recebeu uma lista fictícia de itens essenciais e um crédito hipotético de R\$ 1.000,00. Os grupos aplicaram

técnicas de planejamento financeiro e otimização de gastos, registrando cálculos e decisões. Ao final, um porta-voz de cada grupo compartilhou os resultados com a turma.

E, a terceira etapa foi o encerramento e entrega de lembranças com duração de 30 minutos, nessa etapa, realizou-se um diálogo coletivo sobre os aprendizados e distribuição de brindes simbólicos representando a experiência prática vivenciada.

Essa oficina foi guiada pelos referenciais teóricos de Paulo Freire com sua ênfase no diálogo libertador e na educação como prática de liberdade, bem como de G. Polya, inspirando o raciocínio heurístico em etapas de compreensão, planejamento, execução e verificação de problemas financeiros cotidianos.

Os dados foram examinados a partir dos cálculos e decisões apresentados pelos grupos durante a simulação. A interpretação seguiu os referenciais teóricos de Paulo Freire (1987), com ênfase no diálogo e na educação como prática de liberdade, e de G. Polya (1995), com foco nas etapas heurísticas de compreensão, planejamento, execução e verificação de problemas.

5 Resultados e Discussão

A oficina utilizou como base os métodos pedagógicos de Paulo Freire e George Polya, que juntos favorecem uma aprendizagem mais significativa e prática. O método de Paulo Freire incentiva o diálogo e a troca genuína de conhecimentos, valorizando as experiências pessoais dos alunos. Para isso, foram utilizados materiais concretos, como panfletos de promoções, listas de compras fictícias e cédulas simuladas, que possibilitaram a aplicação prática dos conceitos discutidos. Isso ajuda a tornar o aprendizado mais próximo da realidade deles, despertando a consciência crítica e a capacidade de refletir sobre suas próprias situações financeiras.

Já o método de George Polya orienta o processo de ensino pela resolução de problemas, guiando os alunos a entender cada desafio, planejar soluções, agir e depois avaliar os resultados. Essa forma de aprendizagem

auxilia no desenvolvimento do pensamento lógico e da tomada de decisões, competências fundamentais quando se trata de finanças pessoais.

A escolha desses métodos se deu porque eles se complementam muito bem: enquanto Freire (1987) torna o aprendizado um processo participativo e transformador, Polya (1995) oferece uma estrutura clara para que os alunos possam aplicar o que aprenderam em situações práticas. Freire enfatiza que sem essa união, a educação falha: reflexão pura vira verbalismo vazio, e ação pura vira ativismo acrítico.

Em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, Freire (1987) resume a ideia de práxis como "reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo", um ciclo dinâmico em que ambas se alimentam mutuamente. Assim, a oficina promove não só o conhecimento, mas também a autonomia e a segurança para que os estudantes possam gerir melhor seu dinheiro no dia a dia.

O planejamento da oficina de educação financeira foi estruturado cuidadosamente para garantir que os objetivos fossem alcançados de forma clara e efetiva. Inicialmente, definiu-se que a atividade teria como foco capacitar estudantes da EJA para compreenderem e aplicarem conceitos financeiros essenciais, promovendo a autonomia e o pensamento crítico.

Os conteúdos selecionados abordaram temas centrais como orçamento familiar, poupança, consumo consciente e estratégias econômicas para o dia a dia. Esses assuntos foram organizados em uma sequência lógica para facilitar o entendimento progressivo durante as atividades.

A oficina foi dividida em etapas que incluíram uma apresentação inicial para introduzir os conceitos, seguida por atividades práticas em grupo, nas quais os participantes realizaram simulações de compras e planejaram orçamentos fictícios. O tempo previsto para cada etapa foi definido para manter o engajamento e garantir o aprofundamento do conteúdo.

Com isso, pudemos iniciar o agrupamento dos materiais que seriam posteriormente utilizados na oficina. Foi nesse momento que a oficina começou a tomar forma, por meio da elaboração de uma apresentação no Microsoft PowerPoint, contendo os conteúdos e discussões relacionados aos conceitos dos pilares e estratégias fundamentais para uma gestão financeira eficaz, os quais seriam explorados ao longo do desenvolvimento da oficina.

Foram coletados panfletos publicitários de produtos em promoção, com preços variados, provenientes de quatro mercados diferentes da região de Cajazeiras-PB. Além disso, elaborou-se e imprimiu-se uma lista de compras fictícias para ser utilizada durante as atividades. Também foram inseridos doces em formato de moedas de R\$ 1,00, com a finalidade de facilitar a compreensão do aspecto monetário conforme visto na figura 1 a seguir.

Figura 1 - Doces em formato de moedas



Fonte: Autoria própria, 2024

Adicionalmente, foi criada uma cédula fictícia denominada "ONEDOLAB". Para a confecção desta cédula, contou-se com o apoio da Inteligência Artificial Microsoft Copilot (IA), que possibilitou a integração dos temas "Matemática" e "dinheiro".

Conforme ilustrado na figura 2 e 3 abaixo, observa-se que a cédula possui uma estética similar à cédulas americanas reais, facilitando a associação visual dos participantes.

Figura 2 - Cédula fictícia denominada "ONEDOLAB" "Frente"



Fonte: Imagem gerada por Microsoft Copilot (IA), 2024

Figura 3 - Cédula fictícia denominada "ONEDOLAB" "Verso"



Fonte: Imagem gerada por Microsoft Copilot (IA), 2024

Os resultados obtidos a partir da oficina de educação financeira aplicada aos estudantes da EJA são apresentados a seguir, organizados conforme as etapas descritas na metodologia. Cada fase da atividade é analisada em relação às aprendizagens observadas, às dificuldades enfrentadas e à eficácia da combinação dos métodos de Paulo Freire e G. Polya.

5.1 Primeira etapa: Abertura e Contextualização

Nessa etapa da oficina foi distribuída encartes de 04 mercados diferentes da cidade de Cajazeiras - PB nas paredes da sala e organizaram as cadeiras para garantir o conforto dos alunos, conforme ilustrado na figura 4 abaixo.

Figura 4 - Organização da sala



Fonte: Autoria própria, 2024

Em seguida, os conteúdos sobre os pilares da educação financeira foram apresentados por meio de uma exposição no PowerPoint, sempre relacionando-os com o cotidiano dos participantes. O engajamento entre participantes e aplicadores, foi estimulado por meio de algumas perguntas.

A fase de abertura e contextualização, com duração aproximada de 25 minutos, desempenhou papel fundamental na preparação dos estudantes da EJA para a oficina. A fixação dos encartes nas paredes e a reorganização das carteiras não foram apenas medidas logísticas, mas estratégias pedagógicas que criaram um ambiente acolhedor e visualmente estimulante.

Esse cuidado inicial favoreceu a sensação de pertencimento e valorização dos participantes, aspectos centrais na pedagogia freireana, que defende a importância de reconhecer o aluno como sujeito ativo do processo educativo. Como Paulo Freire dizia em *Pedagogia do Oprimido* (1987, p. 39): "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão" enfatizando o aluno como protagonista dialógico, não objeto passivo.

Em seguida, a apresentação dos fundamentos da educação financeira, vinculados às experiências cotidianas dos estudantes, reforçou a relevância prática do conteúdo. Ao relacionar conceitos como orçamento e consumo às situações vividas pelos participantes, os aplicadores promovem uma aprendizagem significativa.

Segundo Paulo Freire (1987), é fundamental partir da realidade concreta dos alunos. Essa perspectiva rompe com a educação bancária e promove uma apropriação autêntica do saber. Nesse sentido, relacionar os orçamentos à vida diária afasta a 'decoreba mecânica', ou seja, o desenvolvimento apenas das habilidades de memorização e repetição, e se alinha à educação libertadora proposta por Freire, que reconhece o aluno como sujeito ativo do processo de aprendizagem.

Além disso, o uso de indagações dirigidas funcionou como estratégia para manter o engajamento e estimular a reflexão crítica. Essa prática dialoga diretamente com o método de Polya, que valoriza a formulação de perguntas como ponto de partida para a resolução de problemas. Ao serem provocados a pensar sobre suas próprias escolhas financeiras, os estudantes iniciaram um processo de construção ativa de seu conhecimento.

Em síntese, essa fase inicial cumpriu dupla função: criar um ambiente favorável à participação e estabelecer conexões entre teoria e prática. O resultado observado foi um grupo mais receptivo, motivado e disposto a se envolver nas etapas seguintes da oficina, evidenciando que a combinação dos métodos de Freire e Polya já se mostrava eficaz desde o primeiro momento.

5.2 Segunda etapa: Desafio prático

Inicialmente, os alunos foram divididos em quatro grupos para representar unidades familiares. Em seguida, o desafio prosseguiu com a simulação de uma compra mensal de alimentos e produtos de higiene para essas famílias. Para a gestão do orçamento, estabeleceu-se o valor fixo de R\$ 1.000,00 por grupo, destinado à aquisição dos itens necessários para compor a feira doméstica.

Assim, os participantes deveriam planejar as compras e priorizar itens essenciais para se adequarem ao limite financeiro, simulando a gestão de um orçamento real. A atividade foi realizada tomando como referência uma lista com os nomes e as quantidades dos produtos, conforme detalhado na folha entregue aos alunos e ilustrado na Figura 5 abaixo.

Figura 5 - Lista de compras

ALIMENTOS		
Arroz	10kg	
Feijão	3kg	
Macarrão	3kg	
Óleo	2700ml	
Café	4kg	
Açúcar	4kg	
Sal	1kg	
Cuscuz	4kg	
Massa de trigo	2kg	
Tapioca	1kg	
Leite	2 caixas	
Carnes	5kg	
Ovos	15	
Sardinhas	2 latas	
Extrato de tomate	1 caixa	
Bolacha	500g	
Gasto estimado		
PRODUTO DE LIMPEZA		
Água sanitária	5L	
Sabão	2 unidades	
Amaciante	1 L	
Detergente	1 L	
Desinfetante	2,5 L	
Gasto estimado		
HIGIENE PESSOAL		
Sabonete	4 unidades	
Pasta de dente	2 unidades	
Papel higiênico	2 unidades	
Produto de cabelo	1 shampoo e 1 condicionador	
Desodorante	3 unidades	
Gasto estimado		

Fonte: Autoria própria, 2024

Os participantes deveriam distribuir o orçamento entre itens essenciais para uma feira doméstica, incluindo alimentação, produtos de limpeza e cuidados pessoais, todos detalhados na lista fornecida. Essa atividade estimulou o exercício do cálculo, a definição de prioridades e a escolha consciente de produtos, simulando o orçamento real de uma unidade familiar. Na sequência, cada grupo utilizou encartes de diferentes supermercados, fixados na parede, para calcular os custos e selecionar os itens da lista.

Como pesquisador participante, foi possível observar os diálogos dos alunos enquanto eles discutiam entre si a melhor forma de economizar o dinheiro fixado para eles. Relatos observados de um dos grupos como “o preço do arroz está mais barato aqui nesse mercado”, outra fala de um participante

de um outro grupo foi “R\$ 1.000,00 não dá, é muito pouco para comprar isso tudo”.

Essa etapa fomentou o uso prático de operações fundamentais da matemática e conceitos de matemática financeira, como adição, subtração e comparação de preços. Os alunos foram incentivados a elaborar estratégias para otimizar o valor gasto e atender às necessidades do lar, mantendo a disciplina financeira para não exceder o limite estabelecido. Para o registro dos cálculos, utilizaram a própria lista de compras ou folhas de caderno, conforme ilustrado nas Figuras 6 e 7 abaixo.

Figura 6 - Lista com cálculos

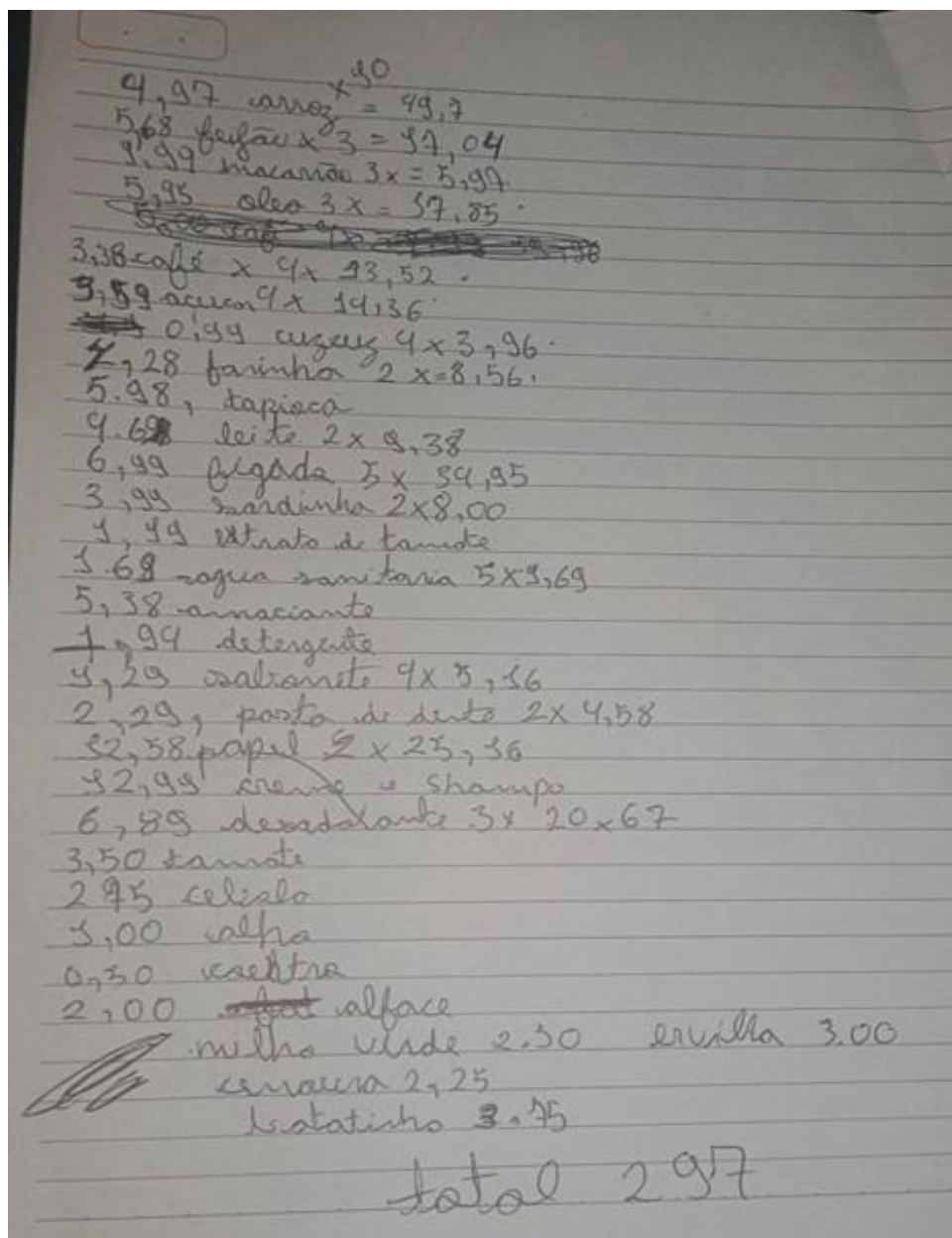
ALIMENTOS		
Arroz	10 kg	$10 \times 4,97 = 49,7$
Felão	3 kg	$3 \times 5,62 = 16,86$
Macarrão	3 kg	$3 \times 3,09 = 9,27$
Óleo	2700 ml	$3 \times 5,95 = 17,85$
Café	4 kg	$4 \times 3,38 = 13,52$
Açúcar	4 kg	$4 \times 3,59 = 14,36$
Sal	1 kg	
Cuscuz	4 kg	$4 \times 0,99 = 3,96$
Massa de trigo	2 kg	$2 \times 4,08 = 8,16$
Tapioca	1 kg	5,98
Leite	2 caixas	$8 \times 4,68 = 37,44$
Carnes	5 kg	$5 \times 2,49 = 12,45$
Ovos	15	
Sardinhas	2 latas	$2 \times 3,89 = 7,78$
Extrato de tomate	1 caixa	1,59
Bolacha	500 g	$2 \times 3,19 = 6,38$
Gasto estimado		174,39

PRODUTO DE LIMPEZA		
Água sanitária	5 L	$5 \times 1,69 = 8,45$
Sabão	2 unidades	$2 \times 3,38 = 6,76$
Amaciante	1 L	5,38
Detergente	1 L	3,09
Desinfetante	2,5 L	$5 \times 3,09 = 15,45$
Gasto estimado		42,48

HIGIENE PESSOAL		
Sabonete	4 unidades	$4 \times 1,99 = 7,96$
Pasta de dente	2 unidades	$2 \times 2,24 = 4,48$
Papel higiênico	2 unidades	$2 \times 12,58 = 25,16$
Produto de cabelo	1 shampoo e 1 condicionador	12,99
Desodorante	3 unidades	$3 \times 6,89 = 20,67$
Gasto estimado		71,27

Fonte: Autoria própria, 2024

Figura 7 - Cálculos separados em folha de caderno



Fonte: Autoria própria, 2024

Ao completarem a aquisição dos itens nos mercados fictícios, ocorre o momento de apresentação, no qual cada grupo explica seu planejamento, escolhas e resultados, refletindo sobre suas decisões e o impacto delas na organização financeira familiar. Essa reflexão coletiva permite a avaliação crítica dos processos de compra e orçamento, reforçando conceitos de consumo consciente, economia doméstica e a importância do planejamento financeiro para a vida cotidiana. Como destaca Eker (2006), a verdadeira independência surge da riqueza mental, não do acúmulo desenfreado.

De acordo com Polya (1995), a resolução de problemas segue quatro etapas fundamentais. A primeira consiste em compreender claramente o enunciado, identificando o que é necessário. Essa fase se manifesta quando são apresentadas as regras da oficina, feita a divisão dos grupos e entregue a lista fictícia. Em seguida, é preciso analisar como os elementos estão interligados, relacionando os dados à incógnita para elaborar um plano. Isso ocorre quando os alunos observam a lista de compras fictícias e a conectam com situações cotidianas, como as compras nos mercados.

A terceira etapa corresponde à execução do plano, quando os participantes procuram os encartes fixados nas paredes, registram os preços e avaliam qual produto é mais vantajoso conforme visto nas figuras 6 e 7. Por fim, vem a revisão da solução, momento em que os grupos conferem os itens encontrados, calculam o total gasto, verificam o saldo restante e escolhem um líder para apresentar a estratégia utilizada na conclusão do desafio.

A fase prática, com duração de 75 minutos, constituiu o núcleo da oficina e representou o momento em que os conceitos previamente discutidos foram colocados em ação. A simulação da “compra fictícia” proporcionou aos estudantes da EJA uma experiência concreta de tomada de decisão, aproximando o aprendizado da realidade cotidiana.

A divisão da turma em grupos equilibrados, realizada de forma autônoma pelos próprios alunos, reforçou a dimensão participativa e colaborativa da proposta freireana. Essa autonomia na formação das equipes favoreceu o senso de responsabilidade coletiva e a valorização das experiências individuais, enquanto a dinâmica de trabalho em equipe estimulou a troca de saberes, característica essencial da pedagogia dialógica.

Cada grupo recebeu uma lista simulada de itens essenciais e um crédito hipotético de R\$ 1.000,00. Essa etapa exigiu dos participantes a aplicação prática das técnicas de planejamento e otimização de gastos. O desafio de equilibrar necessidades e desejos dentro de um orçamento limitado evidenciou a relevância da educação financeira como ferramenta social.

Nesse contexto, o método de Pólya (1995) mostrou-se particularmente eficaz ao orientar os alunos no ciclo de resolução de problemas compreender o dilema orçamentário, elaborar um plano, executar os cálculos e realizar um retrospecto das decisões, promovendo assim uma reflexão crítica alinhada às demandas da EJA.

Segundo Polya (1995, p. 3), "a resolução de problemas é uma habilitação prática como, digamos, a natação. Adquirimos qualquer habilitação por imitação e prática."

Nessa oficina, os alunos foram estimulados a vivenciar situações práticas mesmo que fictícias, como simulações de compras e escolhas de produtos, levando em consideração critérios de necessidade, economia e sustentabilidade.

Ao final, o momento em que o porta-voz de cada grupo compartilhou os cálculos e as decisões tomadas foi decisivo para consolidar o aprendizado. Essa socialização dos resultados não apenas permitiu a comparação entre as diferentes estratégias de consumo, mas também promoveu uma reflexão crítica coletiva. O diálogo estabelecido evidenciou a diversidade de escolhas e demonstrou que, no planejamento financeiro, não existe uma única solução correta, mas sim distintos caminhos possíveis para a otimização de um mesmo orçamento.

Em síntese, a fase prática evidenciou que a articulação entre a pedagogia freireana (FREIRE, 1987) e o método heurístico de Polya (1995) favorece não apenas a aprendizagem matemática aplicada, mas também a formação de uma consciência crítica voltada ao consumo. O engajamento dos estudantes, a autonomia nas decisões e a capacidade de justificar suas escolhas revelaram avanços significativos, os quais podem ser interpretados como indicadores de que a educação financeira, quando mediada por práticas dialógicas e problematizadoras, constitui uma ferramenta de cidadania.

Contudo, tais resultados devem ser compreendidos à luz de uma análise mais sistemática: a ausência de categorização analítica, triangulação de dados ou confronto com estudos anteriores limita a robustez científica das

conclusões. Ainda assim, o diálogo estabelecido com Freire e Polya sugere implicações pedagógicas relevantes, apontando para a necessidade de pesquisas futuras que aprofundem a relação entre metodologias participativas e a consolidação da autonomia financeira dos estudantes.

5.3 Etapa final: Entrega de lembranças

A fase final, com duração de 30 minutos, representou o encerramento da oficina e a consolidação dos aprendizados. O diálogo coletivo, realizado após a prática, foi essencial para que os estudantes da EJA compartilhassem suas vivências, refletissem sobre as estratégias adotadas e reconhecessem os conceitos assimilados. Essa roda de conversa reforçou a perspectiva freireana de que o conhecimento se constrói na troca e na problematização da realidade, permitindo que cada participante se percebesse como sujeito ativo do processo educativo.

A socialização das experiências funcionou como um espaço de avaliação formativa, no qual os alunos identificaram avanços, dificuldades e melhorias. Nesse sentido, o método de Pólya manifestou-se de forma significativa na etapa de retrospecto, pois levou os grupos a refletirem não apenas sobre a validade de seus cálculos, mas também sobre o sentido de suas escolhas e estratégias. Esse momento revelou que a resolução de problemas não se encerra na execução mecânica, mas se amplia na análise crítica dos resultados, valorizando o erro como parte do processo e fortalecendo a autonomia dos estudantes em sua caminhada de aprendizagem.

Posteriormente, realizou-se a entrega de brindes simbólicos, consistindo em saquinhos com moedas de chocolate e cédulas fictícias plastificadas, é importante destacar que nem todos os participantes se dispuseram a tirar a foto com as lembrancinhas. Essa estratégia assumiu um caráter lúdico e celebrativo, como ilustrado na Figura 8. Tal integração entre o real e o simbólico corrobora a ideia de Paulo Freire (1987), ao propor que a reflexão crítica unida à ação transformadora estimule o desenvolvimento cognitivo e a construção coletiva de conhecimentos ancorados na realidade cultural dos educandos.

Figura 8 - Entrega dos brindes



Fonte: autoria própria, 2024

Mais do que simples lembranças, esses itens funcionam como recursos pedagógicos que reforçaram a experiência prática vivida durante a oficina. Ao transformar conceitos abstratos em objetos concretos e prazerosos, os aplicadores criaram uma memória afetiva da atividade, favorecendo a fixação dos conteúdos e estimulando o vínculo emocional dos alunos com o aprendizado.

A partir dessas observações de campo, vislumbram-se amplas possibilidades de utilização futura desta abordagem no ensino de matemática voltado para jovens e adultos, destacando seu potencial transformador no cotidiano dos discentes.

Em suma, a integração das ideias de Polya e Freire revela que os desafios da EJA demandam uma prática que combine análise crítica, planejamento estratégico, execução contextualizada e constante reavaliação, respeitando sempre os saberes prévios e as realidades dos estudantes. Essa perspectiva contribui para o desenvolvimento de práticas educativas que promovem uma inclusão verdadeira e efetiva, reconhecendo os alunos como protagonistas de seu processo educacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) representam um espaço de grande diversidade cultural e social, no qual cada estudante carrega experiências de vida que moldam sua forma de aprender. No entanto, historicamente, essa modalidade nem sempre recebeu metodologias adequadas que favorecessem o acolhimento e a valorização desses saberes. Nesse sentido, a Educação Financeira surge como uma proposta pedagógica capaz de aproximar os conteúdos matemáticos da realidade cotidiana dos discentes, tornando o aprendizado mais significativo e útil para suas vidas.

A "Oficina de Compras Fictícias" mostrou-se um recurso eficaz para despertar o interesse dos estudantes e promover sua participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. Ao simular situações reais de consumo, orçamento e tomada de decisão, os discentes puderam assumir o papel de protagonistas do próprio conhecimento, desenvolvendo habilidades críticas e práticas que dialogam diretamente com sua vivência social e econômica.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é introduzir os princípios básicos da educação financeira, como planejamento orçamentário e estratégias para compras econômicas.

A questão central, que investigava como a Educação Financeira pode ser utilizada como recurso pedagógico para contribuir com o desenvolvimento de habilidades críticas e a tomada de decisões conscientes, foi respondida positivamente. A intervenção demonstrou que a Educação Financeira, aplicada de forma prática e contextualizada, é capaz de desenvolver autonomia, consciência crítica e competências matemáticas essenciais para a vida cotidiana dos estudantes.

Os fundamentos de Paulo Freire, em diálogo com as estratégias de resolução de problemas de George Polya, revelaram-se eficazes, visto que os participantes atuaram de forma independente nas compras simuladas. Além disso, conseguiram relacionar os desafios da oficina a situações reais de seu dia a dia, aplicando a Matemática como ferramenta prática. O conhecimento prévio dos estudantes foi valorizado, reforçando a perspectiva freireana de que

o ensino .deve partir da realidade dos sujeitos. Assim, a Matemática deixou de ser percebida como um conteúdo abstrato para ser vista como um instrumento de gestão consciente.

Este trabalho evidencia que a Educação Financeira favorece não apenas o desenvolvimento de competências matemáticas, mas também a formação cidadã. Ao compreenderem os mecanismos de organização financeira, os estudantes ampliaram sua visão crítica sobre o consumo, alinhando-se às competências previstas na BNCC e às diretrizes de uma educação inclusiva e transformadora.

Entre as limitações encontradas, destacam-se o número reduzido de participantes (24 alunos), o tempo restrito para a oficina (130 minutos) e os recursos materiais limitados. Esses fatores restringem a generalização dos resultados, mas não comprometem a relevância da experiência pedagógica. Recomenda-se a aplicação desta metodologia em diferentes níveis de ensino e contextos culturais, explorando sua adaptabilidade. Seria pertinente, ainda, investigar os impactos a longo prazo na vida prática dos alunos e ampliar a integração interdisciplinar desta temática.

Conclui-se, portanto, que a inserção da Educação Financeira na EJA é uma prática pedagógica necessária. Ela une o conhecimento escolar às experiências sociais dos estudantes, criando pontes entre teoria e prática. Mais do que ensinar números ou fórmulas, trata-se de oferecer ferramentas para que jovens e adultos enfrentem os desafios do cotidiano com maior autonomia e criticidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Anna Claudia Furtado; JESUS, Geovanna Ribeiro de; FERREIRA, Antônio Claudio. *O impacto da educação financeira na vida adulta*. Instituto Federal Goiano, 2023. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/4060/1/Artigo_Anna%20Claudia%20e%20Geovanna.pdf .

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. Tradução de: Liquid Life. ISBN 978-85-7110-969-8. Disponível em: https://dn720003.ca.archive.org/0/items/ZygmuntBaumanVidaLiquida/ZygmuntBaumanVida_Liquida.pdf .

BECKER, Elsbeth Léia Spode; KELLER, Lenir Keller. *A trajetória da educação de jovens e adultos no Brasil*. **EJA em Debate**, Florianópolis, v. 9, n. 15. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2777> .

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, e dá outras providências. **Presidência da República**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5840.htm .

BRASIL. Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. **Presidência da República**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm .

Brasil. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 23 dez. 1996.

BRASIL. Decreto nº 10.393, de 9 de junho de 2020. Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira – FBEF. **Presidência da República**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ .

EKER, T. H. **Os segredos da Mente Milionária**. Editora Sextante, 2006.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Antônio Henrique Marinho de Queiroz; OLIVEIRA, Eduardo da Fonte Lins de; SEIXAS, Luis Gustavo Gomes; PASSOS, Vinícius Magalhães Feitosa de Sousa. *Impactos da falta de educação financeira em relação à qualidade de vida do brasileiro*. **Ciências Sociais Aplicadas**, v. 28, n. 139. 2024. Disponível em:

<https://revistaft.com.br/impactos-da-falta-de-educacao-financeira-em-relacao-a-qualidade-de-vida-do-brasileiro/>.

HURTADO, Antonio Paulo Guillen; FREITAS, Carlos Cesar Garcia. *A importância da educação financeira na educação de jovens e adultos*. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 3, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/52731/30289>

MACÊDO, Álvaro Fabiano Pereira de. *Matemática Financeira*. Mossoró: **EdUFERSA**, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.uniscied.edu.mz/pdfs/web/viewer.html?file=https://biblioteca.uniscied.edu.mz/bitstream/123456789/2461/1/MATEM%c3%81TICA%20FINANCEIRA.pdf>

MAGNO, JOSÉ. *Pesquisa Febraban: Maioria dos brasileiros admite entender pouco de educação financeira, mostra pesquisa - BNLDData*. Disponível em: <https://bnldata.com.br/pesquisa-febraban-maioria-dos-brasileiros-admite-entender-pouco-de-educacao-financeira-mostra-pesquisa/>.

MOURA, Rayane. *Metade dos trabalhadores aponta o dinheiro como maior causa de preocupação, diz pesquisa*. **G1**, São Paulo. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/07/01/metade-dos-trabalhadores-aponta-o-dinheiro-como-maior-cao-de-preocupacao-diz-pesquisa.ghtml>.

OCDE/CVM de Educação e Alfabetização Financeira para América Latina e o Caribe. *Recomendação sobre os Princípios e as Boas Práticas de Educação e Conscientização Financeira*, julho de 2005.

RIBEIRO, V. M. M. (coord.), (1997). *Educação de jovens e adultos: proposta curricular para o primeiro segmento do ensino fundamental*. São Paulo: **Ação Educativa** / Brasília: MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>.

SANTOS, Pamela Caetano dos; FRANÇA, Paola Machado; BATISTA, Valquiria Constancio. *O impacto do planejamento financeiro na qualidade de vida: fatores, benefícios e recomendações*. **Revista Foco**, v. 17, n. 10, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6589/4744>

SILVA, Amarildo Melchiades da; POWELL, Arthur Belford. *Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica*. In: **ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA XI ENEM**, 2013, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: SBEM, 2013. Disponível em: https://www.sbembrasil.org.br/files/XIENEM/pdf/2675_2166_ID.pdf.

SOUZA, Fabio Tosta Gadelha. *Os efeitos do estresse financeiro no ambiente de trabalho brasileiro*. 2017. 55 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia e Finanças) Escola de Economia de São Paulo, **Fundação Getúlio Vargas**, São Paulo, 2017. Orientador: Ricardo Ratner Rochman. Disponível em:

<https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/1a08a9bb-cc50-4b68-99bb-acabaaa43547/content> .

OLIVIERI, Maria de Fátima Abud. Educação financeira. **ENIAC Pesquisa**, Guarulhos (SP), v. 2, n. 1. 2013. Disponível em: https://ojs.eniac.com.br/index.php/EniacPesquisa/article/view/108/pdf_9 .

POLYA, George. *A arte de resolver problemas: um novo aspecto do método matemático*. Tradução e adaptação de Heitor Lisboa de Araújo. 2. reimpr. Rio de Janeiro: **Interciência**, 1995. 196 p. Tradução de: How to Solve It. Disponível em:

https://ia801709.us.archive.org/7/items/AArteDeResolverProblemasGeorgePolya/A%20arte%20de%20resolver%20problemas_George%20Polya_text.pdf .

TEIXEIRA, James. *Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre educação financeira e matemática financeira*. 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:

<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/11025/1/James%20Teixeira.pdf> .

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Cajazeiras - Código INEP: 25008978
	Rua José Antônio da Silva, 300, Jardim Oásis, CEP 58.900-000, Cajazeiras (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0005-07 - Telefone: (83) 3532-4100

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

TCC de Emanuel

Assunto:	TCC de Emanuel
Assinado por:	Emanuel Sousa
Tipo do Documento:	Projeto
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Emanuel Kauann Felipe de Sousa, DISCENTE (202112020006) DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA - CAJAZEIRAS, em 25/02/2026 18:32:03.

Este documento foi armazenado no SUAP em 25/02/2026. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1779423
Código de Autenticação: 08c718f022

